



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

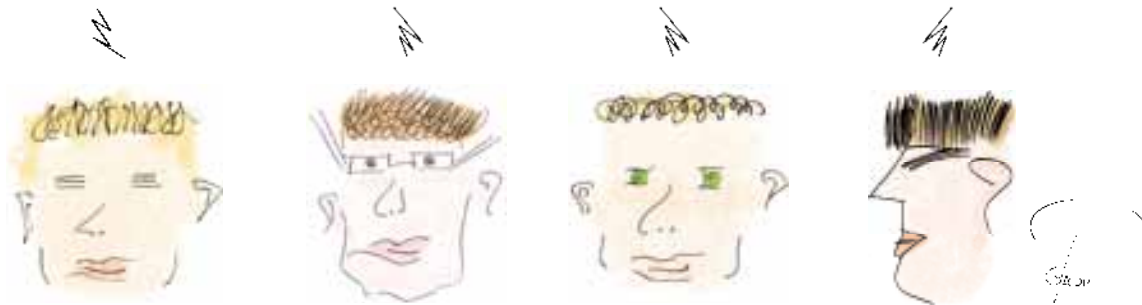
cpereira@brasiliaemdia.com.br

MARILENA CHAÚÍ DISSE QUE OS 40 MILHÕES DE BRASILEIROS QUE SAÍRAM DA LINHA DE MISÉRIA COM OS PROGRAMAS SOCIAIS NÃO PODEM SER CHAMADOS DE CLASSE MÉDIA.

AGÊNCIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS DO ATUAL GOVERNO PONTUA 45 ITENS QUE ATESTAM O FORTALECIMENTO DA CLASSE C NACIONAL.

DE FATO, OS PROGRAMAS SOCIAIS DO ATUAL GOVERNO TRANSFORMARAM TRABALHADORES EM CONSUMIDORES SEM, CONTUDO, OFERECER-LHES UM BEM FUNDAMENTAL: EDUCAÇÃO.

LEVANTAMENTO, PRODUZIDO PELA REVISTA BRITÂNICA TIMES HIGHER EDUCATION, REVELA QUE APENAS QUATRO UNIVERSIDADES DO BRASIL ESTÃO NO RANKING DAS 100 MELHORES ENTRE OS PAÍSES EMERGENTES.



Fontes: (Revista Cult 182 – agosto 2013; Folha de São Paulo 7/12/2013; Correio Braziliense 7/12/2013, 5/12/2013, 4/12/2013; O Globo 7/12/2013)

MARILENA CHAÚÍ Em entrevista à revista Cult, a filósofa e uma das fundadoras do PT, Marilena Chauí, diz que os 40 milhões de brasileiros que saíram da linha de miséria com os programas sociais do atual governo não podem ser chamados de classe média. Na visão de Marilena, estes 40 milhões de pessoas “que passaram a ter três refeições diárias constituem uma nova classe trabalhadora”. Segundo Chauí, “(...) não faz sentido usar instrumentos dos institutos de pesquisa e da sociologia, falando de classe A, B, C, D, E definidas por renda e escolaridade. É preciso pensar as classes sociais conforme a sua relação com a forma de propriedade e do sistema de produção, isto é, os proprietários privados dos meios sociais de produção e os não-proprietários, isto é, a força produtiva, os trabalhadores”.

CLASSE C Qualquer que seja a nomenclatura – trabalhadores, classe média, classe C, proprietários ou não dos meios de produção – o fato é que os indicadores econômicos, o sistema financeiro e o varejo demonstram que, nos últimos 10 anos, surgiu um novo contingente de consumidores que adquiriu eletrodomésticos, carros, motos, casas, conta bancária e alto endividamento. O próprio site da Agência de Assuntos Estratégicos do atual governo pontua 45 itens que atestam o fortalecimento da classe C nacional. Um grupo formado por famílias com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064,00 e R\$ 4.561,00. Vale lembrar que os indicadores do governo revelam ainda que, entre 2004 e 2010, “32 milhões ascenderam à categoria de classes médias (A, B, C) e 19,3 milhões saíram da pobreza”.

CONSUMIDORES X CIDADÃOS De fato, os programas sociais do atual governo transformaram trabalhadores em consumidores. Homens e mulheres que conquistaram um espaço econômico sem, contudo, adquirir um bem fundamental: educação. Este talvez seja o maior gargalo do Brasil. O partido no poder há praticamente três mandatos, e na eminência de emplacar mais um, não conseguiu construir o Estado de Bem Estar Social capaz de formar cidadãos.

AVALIAÇÃO Ao contrário de países emergentes como a China, que ocupa hoje os primeiros lugares no ranking da educação, o Brasil amarga as piores colocações entre os 65 países que participaram da avaliação internacional em matemática, ciências e leitura. Projeto desenvolvido pela Organização para Desenvolvimento Econômico (OCDE), o chamado Pisa, é aplicado a cada três anos em escolas públicas e particulares, escolhidas aleatoriamente, para avaliar alunos entre 15 e 16 anos.

BAIXA QUALIFICAÇÃO Pois é! A baixa performance nacional tem muitos indicadores, entre eles a baixa qualificação dos 2 milhões de docentes e os baixos salários. Segundo o colunista do jornal Folha de São Paulo, Hélio Schwartsman, “(...) um dos nossos maiores problemas é que não conseguimos recrutar bons professores – os países campeões do Pisa selecionam seus mestres entre os melhores alunos das faculdades: nós nos contentamos com os piores”.

RANKING DOS EMERGENTES Se a performance brasileira no ensino médio é baixa, o mesmo acontece no ensino universitário. Levantamento, produzido pela revista britânica Times Higher Education, revela que apenas quatro universidades do Brasil estão no ranking das 100 melhores entre os países emergentes. Vale lembrar que a melhor colocada da lista é a USP, que aparece em 11°. As outras são: Estadual de Campinas, 24°; Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 60° e a Estadual Paulista (Unesp), 87°.

CHINA EM 1º LUGAR Realizado em 22 países, o Higher Education leva em consideração critérios como produção acadêmica, impacto de artigos científicos e presença internacional da faculdade. A China lidera o ranking com 23 instituições entre as 100 melhores e ocupa as duas primeiras colocações com a Universidade de Pequim e a Universidade de Tsinghua.

BRICS Os demais países dos BRICS, com boa qualificação entre as 100 melhores, estão a Índia com 10 faculdades e a África do Sul com 5. A Ásia concentra 70% das universidades presentes no ranking dos emergentes. África e Américas aparecem com apenas 9 instituições. Turquia e Taiwan também estão muito bem representadas. A primeira com 7 faculdades, sendo 3 entre as 10 melhores, e a segunda com 21 instituições.

MEC Vale lembrar que a própria avaliação do MEC reconheceu com nota máxima apenas 13 cursos oferecidos pelas universidades nacionais. Um número que representa 0,18% do total de graduações, na área de humanas, analisadas em 2012. Tudo isso é lamentável quando sabemos que boas escolas elevam a qualidade da educação, garantem bom desempenho profissional e resultam em desenvolvimento econômico e social.

FRACASSANDO NO BÁSICO Nesse sentido, Marilena Chauí tem razão quando afirma que os 40 milhões de brasileiros que saíram da linha da miséria não podem ser chamados de classe média. De fato esses 40 milhões de brasileiros e outros tantos milhões de analfabetos, semianalfabetos e mal instruídos são classe média apenas no consumo. Estão longe de constituir uma classe de cidadãos capazes de promover o desenvolvimento sustentável que o Brasil tanto precisa. Como diz Hélio Schwartsman, “(...) estamos há muito tempo fracassando no básico”.